

Cientistas e empresas de sete países latinos vão combater o mal de Chagas

por John Barham
do Financial Times (*)

O mal de Chagas é uma doença insidiosa, incurável e mortal, que está matando vagarosamente milhões de pessoas na América do Sul. Devido ao fato de atingir principalmente pessoas pobres, analfabetas e das áreas rurais, que não têm influência política, essa doença jamais teve alta prioridade para os governos.

Mas isso está mudando. Durante uma recente conferência realizada em Montevideu cientistas, doadores de ajuda e funcionários do setor de saúde de sete países onde o mal de Chagas é amplamente difundido, planejaram a primeira investida coordenada contra a doença, numa campanha de dez anos que deverá começar em meados de 1992, a um custo entre US\$ 300 milhões e US\$ 400 milhões.

O apoio das indústrias será uma parte importante da estratégia. A participação industrial em projetos ambientais e na salvaguarda dos processos industriais está bem estabelecida. Mas o envolvimento do setor privado em campanhas de saúde pública ainda está em sua infância.

Os cientistas afirmam que querem mais do que os fundos das companhias e as doações de equipamentos. Estão pedindo ajuda para organizar o que promete ser uma complexa operação logística abrangendo uma vasta região.

É importante um enfoque regional, porque os insetos que espalham a doença de Chagas não reconhecem fronteiras. O mal de Chagas é causado por um parasita espalhado por insetos triatomíneos hematófagos. Aproximadamente 16 milhões a 18 milhões de pessoas estão afetados pela doença, e a maioria delas levará muitos anos para morrer. A cada ano, cerca de 300 mil pessoas são infectadas pelos insetos (bicho barbeiro) que infestam Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Peru, Paraguai e Uruguai.

O cientista britânico Chris Schofield, que ajudou a organizar a conferência de Montevideu, afirma: "Os cientistas estão fartos de ver que seu trabalho não resulta em nada porque os governos não se organizaram de forma adequada, por isso nós nos reunimos para organizar uma campanha por nós mesmos".

Schofield acredita que a eliminação do mal de Chagas trará economias nos custos de saúde, aumentos da produtividade e outros benefícios, no valor de US\$ 1,2 bilhão anualmente. Enquanto isso, o problema está crescendo, visto que os migrantes levam a doença para as cidades e a espalham por meio de transfusões de sangue. O mal de Chagas chegou a aparecer em bancos de sangue norte-americanos e europeus.

As campanhas nacionais para erradicar os insetos triatomíneos, causadores do mal, esmoreceram, muito embora há 20 anos existam inseticidas eficazes (e não prejudiciais ao meio ambiente).

No Brasil, o país mais afetado, uma campanha iniciada em 1983 eliminou o barbeiro de 80% de sua área endêmica no espaço de cinco anos. Mas a campanha começou a decair depois que o Brasil reduziu seu esforço em 1988 por razões orçamentárias.

Além de coordenar o ataque contra o mal de Chagas, os cientistas esperam que a participação de sete nações mantenha uma con-

tinuidade. Se o programa de um país fracassar, o apoio financeiro e a pressão política da comunidade científica e dos países vizinhos garantirão o impulso da campanha.

FINANCIAMENTO

A maior parte do financiamento da campanha virá de governos europeus e dos Estados Unidos, bem como de sete países latino-americanos. O financiamento e o apoio dados pelas companhias também serão importantes.

Serão feitos contatos com as empresas para que forneçam contribuições em dinheiro, doem equipamentos e outras coisas necessárias. As companhias serão também solicitadas a destacar voluntários e a fornecer sua experiência administrativa. Os organizadores afirmam que precisam das perícias do setor privado, particularmente para o controle de estoques, a logística e a administração financeira. Pediram, por exemplo, à British Airways para ajudar a organizar um sistema de administração de informações para coordenar os dados entre os sete países.

Os organizadores estão também pressionando os governos para que permitam às companhias e aos bancos privados usarem planos atuais de conversão da dívida para aumentar o financiamento à campanha. Esse esquema, no qual os títulos da dívida externa são transacionados com um forte desconto e seu valor de face é convertido em moeda local, foi amplamente usado para financiar projetos ambientais em toda a América Latina.

Métodos industriais inflexíveis poderão ajudar também a evitar o desperdício e a ineficiência. Alega-se que as companhias químicas subornam funcionários do governo para conseguir vendas de seus produtos e compensam o suborno aumentando exageradamente os preços e diluindo as concentrações de inseticidas. Os cientistas acreditam que um órgão central bem organizado será imune à corrupção, ganhará descontos e garantirá as concentrações corretas de inseticidas.

APOIO DAS EMPRESAS

Grupos, como a ICI, a Bayer, a Sumitomo e a Roussel, estão interessados em ajudar, entre outras coisas, porque as vendas potenciais de inseticidas poderão ultrapassar US\$ 4 milhões a US\$ 6 milhões por ano. Além disso, as campanhas públicas de saúde têm um atrativo considerável no campo das relações públicas. O grupo farmacêutico norte-americano Merck desenvolveu um de seus medicamentos veterinários para a cura de um tipo de cegueira africana e depois doou o remédio, chamado Mectizan, a uma campanha de saúde da África Ocidental.

John Horton, diretor de produtos da Smith-Kline Beecham (SB), companhia farmacêutica anglo-americana, disse que a campanha contra o mal de Chagas poderá incluir também outros esforços paralelos no campo da saúde. A SB tem pouco a oferecer à campanha contra a doença de Chagas, mas vende remédios para acabar com vermes intestinais que são endêmicos nas regiões infestadas pelo mal de Chagas. A compensação virá do aumento das vendas e de um golpe de relações públicas.

(*) O primeiro artigo da série foi publicado em 18 de dezembro.